

O PRETÉRITO IMPERFEITO EM CONTOS LITERÁRIOS: VALORES TEMPORAIS E ASPETUAIS

Ana Sofia Freixo Pinto¹

sofiapinto.as@hotmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. O objetivo deste estudo é identificar valores temporais e aspetuais do pretérito imperfeito do indicativo em contos literários. O *corpus* escolhido é constituído por contos da obra *Praça de Londres: cinco contos situados*, de Lídia Jorge. A análise recorre essencialmente a conceitos das teorias de Reichenbach (1947) e de Vendler (1967) para estudar, respetivamente, o Tempo e o Aspeto. Através da observação do *corpus* conseguimos identificar alguns valores temporais deste tempo verbal e a sua influência quando combinado com estados e com predicacões eventivas. Verificámos ainda se há sempre sobreposição das situações representadas por este tempo verbal relativamente a outras com as quais ocorre.

PALAVRAS-CHAVE. Tempo, Aspeto, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Texto Literário.

ABSTRACT. The main goal of this study is to identify temporal and aspectual values of the *pretérito imperfeito do indicativo* in literary shortstories. The *corpus* chosen is the book *Praça de Londres: cinco contos situados*, by Lídia Jorge. To this end, some concepts of the theories of Reichenbach (1947) and Vendler (1967) will be used to study Tense and Aspect, respectively. Through the analysis of the *corpus* we were able to identify some temporal values of this tense and its influence when combined with states and with events and determine if the situations represented by this tense always establish an overlapping relation with the situations with which they occur.

KEYWORDS. Tense, Aspect, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Literary Text.

1. Introdução

O principal objetivo deste estudo é identificar, nos contos analisados da obra *Praça de Londres: cinco contos situados*, de Lídia Jorge, os valores temporais e aspetuais do pretérito imperfeito do indicativo. Neste trabalho, não serão tidos em conta os valores modais deste tempo verbal, apesar de terem surgido algumas ocorrências durante a nossa análise.

¹ Estudante do 1.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

No que se refere à estrutura do artigo, começaremos por fazer o enquadramento teórico, no qual serão abordados os seguintes temas: o Tempo, tendo como base a proposta teórica de Reichenbach (1947); o Aspeto, seguindo a proposta de Vendler (1967); os valores temporais e aspetuais do pretérito imperfeito do indicativo; e, por fim, ainda que de forma breve, a sequência de tempos verbais. De seguida, apresentaremos a análise realizada do *corpus*, constituído por cinco contos literários da obra *Praça de Londres: cinco contos situados*, da autoria de Lídia Jorge. Terminaremos com algumas considerações finais.

2. Enquadramento teórico

2.1. Tempo

O tempo gramatical é um elemento constitutivo de todas as línguas do mundo, uma vez que todas têm alguma forma de o demonstrar. Segundo Oliveira (2013: 509), o tempo linguístico permite-nos “localizar temporalmente as situações expressas nos enunciados, em particular naqueles que são constituídos por frases”. Há diversas formas de o expressarmos, podendo ser através de tempos verbais, adjuntos adverbiais ou verbos auxiliares e semiauxiliares. Assim, o tempo pode ser representado num eixo orientado com uma direcção de passado para futuro, admitindo três momentos: passado, presente e futuro.

De forma a utilizar o tempo linguístico como a categoria de análise deste trabalho, será aplicada a proposta de Reichenbach (1947). Conforme Ilari (1997), citado por Domingos (2004: 47), a nomenclatura utilizada na proposta de Reichenbach (1947) “é bastante próxima das intuições do falante e se aplica bem ao português”. Em Domingos (2004: 47), acrescenta-se que Reichenbach “foi o primeiro lógico a formalizar uma interpretação temporal das línguas naturais, determinando uma linha do tempo e propondo, nesta, três pontos: momento da fala, momento do evento e momento de referência”.

Para melhor explicar estas três noções, Silvano (2010: 96) diz-nos que:

“The point of speech corresponds to the time point of the act of speech. The point of the event is the time in which the predication is located. The point of reference is vaguely defined as a time between the point of the event and the point of speech.”

(Silvano 2010: 96)

Reichenbach (1947) definiu, portanto, ponto de referência como o ponto a partir do qual o momento da fala e o momento do evento se relacionam temporalmente. Assim, é por

intermédio do ponto de referência que nos é possível localizar uma determinada situação. Vejamos o exemplo (1):

- (1) A Rita ligou quando o Rui estava a ver televisão.

O evento *A Rita ligar* tem como ponto de referência a situação descrita por *O Rui estava a ver televisão*. Segundo Matos (1996: 443), citado em Domingos (2004: 47), “o ponto de referência torna-se imprescindível quando se pretende situar temporalmente o evento, não só relativamente ao tempo da fala, como relativamente a outro(s) evento(s)”. É importante dizer que nem sempre o ponto de referência surge explicitamente na frase, podendo estar representado no contexto linguístico ou até extralinguístico. Coan (2003), citada por Domingos (2004), afirma que, por vezes, é possível resgatar o ponto de referência através de deduções.

Silva (2005) cita Duarte (2000: 316), que define o intervalo de tempo como um “conjunto contínuo e ordenado de momentos de tempo” e acrescenta que esta ordenação se realiza com base em relações de precedência, isto é, “o momento t_i precede o momento t_{i+1} e é precedido pelo momento t_{i-1} . Por outras palavras, o momento t_i é anterior ao momento t_{i+1} e posterior ao momento t_{i-1} ”. Relativamente às relações que os intervalos de tempo podem manter entre si, Oliveira (2003) e Silva (2005) estabelecem quatro: sobreposição total, sobreposição parcial, inclusão e precedência. No entanto, neste trabalho, iremos agrupar os dois tipos de sobreposição, reduzindo esta classificação a apenas três tipos de relações temporais, a saber: sobreposição, inclusão e precedência. Estamos perante uma relação de sobreposição quando a extensão dos intervalos coincide total ou parcialmente, como se verifica nos exemplos (2) e (3):

- (2) A Maria leu a revista enquanto almoçava.
(3) Enquanto a Maria cantava, o Pedro tocava piano.

No que respeita à inclusão, esta surge quando o intervalo de menor extensão se inclui no intervalo de maior extensão. Acerca deste tipo de relação temporal, Silva (2005) considera que a inclusão constitui uma variante da relação de sobreposição. Para além disso, o autor refere que a relação de inclusão existe quando o início do intervalo de menor extensão é posterior ao início do intervalo de maior extensão. Vejamos o exemplo (4):

- (4) O Pedro tossiu quando estava a ver televisão.

Por último, a relação de precedência, conforme destacado anteriormente, surge quando um dos intervalos antecede o outro. Nesse sentido, veja-se o exemplo (5):

(5) Quando o Rui chegou à faculdade, já a Maria tinha ido embora.

Ou seja, no caso do exemplo (5), o evento relativo a *A Maria ir embora* é anterior ao de *O Rui chegar à faculdade*.

Contudo, o tempo linguístico não é a única categoria pertinente para estudar a referência temporal, sendo necessário também abordar a natureza aspetual das situações. Por isso, de seguida, faremos uma breve revisão sobre alguns conceitos relativos ao Aspeto, para que possamos, no final, compreender claramente as categorias de Tempo e de Aspeto.

2.2. Aspeto

Segundo Oliveira (2003: 129-130), “o Tempo linguístico é uma categoria relacional, quer seja deítico quer seja anafórico, enquanto o Aspeto se centra na perspetivação interna sem necessitar de se relacionar com outros elementos”. Por outras palavras, o Aspeto diz respeito à estrutura temporal interna das predicções, que poderá variar tendo em conta o tipo de situações descritas nas frases. Estreitando ainda mais este conceito, importa atentar no aspeto lexical, o qual se relaciona com as características temporais internas de uma dada situação e, portanto, com a sua classe aspetual básica. Adicionalmente, destaque-se que a classe aspetual de uma dada situação toma em consideração as informações fornecidas sobretudo pelo verbo, mas também pelos seus complementos e pela semântica dos sujeitos envolvidos. No entanto, há vários factores que podem influenciar a classe aspetual básica de uma predicção, nomeadamente, e segundo Cunha (2013: 587), “os tempos verbais, os verbos de operação aspetual ou os adjuntos adverbiais temporais”, elementos que, regra geral, dão origem a situações de tipo derivado. Ora, neste caso em particular, falamos em aspeto composicional ou gramatical. Neste seguimento, para identificarmos a classe aspetual de uma determinada situação, é necessário considerar o conjunto das suas características, e, portanto, os seus traços aspetuais, concernentes a quatro propriedades: a dinamicidade, a duratividade, a telicidade e a homogeneidade².

Primeiramente, a dinamicidade relaciona-se com o facto de as situações apresentarem fases sucessivas, havendo alteração do estado de coisas, como, por exemplo, em *correr* ou em *comer uma maçã*. Por outro lado, as situações não dinâmicas são aquelas em que não há alteração do estado de coisas e, por isso, não nos permitem delimitar diferentes fases (ex.: *ser magro*, *viver no Porto*). Relativamente à duratividade, esta surge quando uma dada situação

² As questões relacionadas com a estrutura física das situações são discutidas, pela primeira vez, nos trabalhos de Moens (1987) e Moens & Steedman (1988), a partir da noção de Núcleo Aspetual.

não ocorre apenas num momento *ti*, prolongando-se no intervalo de tempo em que está inserida, conforme se atesta no exemplo (6):

(6) O Rui correu durante meia hora.

Não obstante, as situações não durativas caracterizam-se como sendo pontuais, uma vez que se restringem a um único momento (*ti*):

(7) A Maria chegou às 5h.

Quanto à telicidade, esta caracteriza situações que se orientam para um determinado fim, pelo que a situação apresenta um fim intrínseco, sendo, portanto, tética. Veja-se o exemplo (8):

(8) O Pedro comeu um bolo.

Todavia, no caso do exemplo (9), estamos perante uma situação atélica, já que não se verifica uma limitação final intrínseca.

(9) A Maria correu na praia.

Quando a limitação final intrínseca, isto é, a culminação, é atingida, a fase seguinte é a do estado consequente. Utilizando a predicção que usámos para definir uma situação tética, conseguimos compreender que o estado consequente ou resultativo seria *o bolo está comido*.

Por fim, no que respeita à homogeneidade, Cunha (2013: 590) afirma que “uma situação é homogénea se as suas partes constitutivas mantêm basicamente as mesmas características da situação completa considerada globalmente”. Vejamos o exemplo (10):

(10) A Maria correu durante 1h.

Se considerarmos verdadeira a proposição do exemplo (10), então será igualmente verdade que nos primeiros cinco minutos dessa hora *a Maria correu*. No caso das situações que não apresentam homogeneidade, as subpartes dessa situação não são da mesma natureza que a situação global.

(11) A Maria leu o livro em vinte minutos.

Tendo em conta o exemplo (11), não é verdade que *A Maria leu o livro* nos primeiros dez minutos, sendo então considerada uma situação heterogénea.

Estas propriedades aspetuais permitem distinguir diferentes classes aspetuais. Neste sentido, o traço aspetual que nos permite fazer a distinção entre estados e eventos (Moen, 1987)

1987; Moens & Steedman, 1988) é a dinamicidade, a qual está presente nos eventos e ausente nos estados. Por um lado, os estados representam situações não dinâmicas, uma vez que a sua estrutura interna não apresenta qualquer mudança no estado de coisas. Contrariamente, os eventos caracterizam-se por haver mudança do estado de coisas durante o seu decurso. Para além desta distinção, Moens (1987) e Moens & Steedman (1988) propõem uma subdivisão de eventos: em culminações, processos culminados, processos e pontos.

De referir ainda que a teoria de Vendler (1967) foi pioneira no estudo do Aspetto. Ademais, releve-se que foi esta a proposta teórica utilizada na fundamentação da nossa abordagem sobre o Aspetto, uma vez que o autor realizou uma distinção que consideramos ser necessária e suficiente para os objetivos do presente trabalho.

Vendler (1967: 97) transmite-nos a noção de que os verbos diferem entre si, tendo em conta o tipo de situações que descrevem, pelo que uns sugerem “processes, states, dispositions, occurrences, tasks, achievements, and so on”. Nesta sequência, o autor dá-nos a conhecer a sua divisão relativa ao tipo de situações: *activity*, *accomplishment*, *achievement* e *state*. Para caracterizar esta distinção, Vendler afirma:

“The concept of activities calls for periods of time that are not unique or definite. Accomplishments, on the other hand, imply the notion of unique and definite time periods. In an analogous way, while Achievements involve unique and definite time instants, States involve time instants in an indefinite and nonunique sense.”

(Vendler 1966: 149)

Ainda neste trabalho, o autor agrupa alguns verbos, de acordo com a classificação que faz das várias situações. A título de exemplo, verbos como *running* e *pushing a cart* pertencem aos “activity terms”, ao passo que as formas verbais que descrevem situações do tipo *running a mile* e *drawing a circle* fazem parte dos “*accomplishment terms*”³. Passando agora a situações que se distinguem destas últimas pelo traço aspetual da duração (mais especificamente, pelo valor negativo atribuído a este traço), existem os “*achievement terms*”, de que faz parte *reaching the top*. Por último, verbos do tipo *knowing* e *liking* incluem-se nos “*state terms*”.

Contudo, a distinção entre estados e eventos é suficiente para o objetivo deste estudo.

³ Uma das críticas recorrentes ao trabalho de Vendler é que, apesar de o autor se referir a estes exemplos como verbos, trata-se, de facto, de sintagmas verbais (i.e., o conjunto formado pelo verbo e pelos seus argumentos internos).

2.3. Sequência de tempos verbais

De acordo com Oliveira (2003: 173), a sequência de tempos verbais resulta da “dependência que se estabelece entre as leituras temporais de formas verbais de algum modo relacionadas entre si”. São os tempos das frases que localizam as situações ou eventualidades no eixo temporal e o modo como esses tempos, nas frases simples e nas frases complexas, localizam as situações não é igual; se, por um lado, os tempos nas frases simples podem localizar uma eventualidade tendo em conta o momento da enunciação e também outros intervalos de tempo, o mesmo nem sempre se verifica nas frases complexas, as quais manifestam algumas restrições com a ocorrência de determinados tempos verbais nas orações que as constituem⁴. Oliveira (1998) e Coelho (2015) destacam a possibilidade de se falar em sequência de tempos, não só em frases simples, mas também em frases complexas:

“(…) se considerarmos que o estudo da semântica dos tempos, como, aliás, de uma série de outros fenómenos linguísticos, deve ter o texto e não a frase isolada como objeto de análise, verificamos que a sequencialização dos tempos, porque exprimem, pelo menos, a ordenação dos acontecimentos e dos estados descritos, se pode observar mesmo quando se trata do domínio de frases complexas”.

(Oliveira 1998: 421)

“A sequência de tempos verbais aplica-se não só a frases complexas, como também a sequências de frases simples e complexas em fragmentos textuais”.

Coelho (2015:29)

Reichenbach (1947) também se interessou por esta temática, defendendo a presença de regras de sequencialização de tempos. O conceito que introduziu, a saber, ponto de referência, é de grande relevância para esta questão, uma vez que pode ou não manter-se. Neste contexto, veja-se o princípio da permanência do ponto de referência, o qual prevê que, embora uma frase complexa contenha situações que ocorrem em diferentes momentos no tempo, apresentando mais do que um ponto de evento, o ponto de referência é o mesmo para todas elas.

⁴ Domingos (2004) dá-nos um exemplo de restrição ao citar Fiorin (1996), pois este diz, em relação ao tempo verbal, que “Se o da oração principal for o pretérito perfeito, prevê-se para a oração subordinada o uso do pretérito imperfeito, para indicar simultaneidade ou posterioridade, e pretérito perfeito para indicar anterioridade”. A oração subordinada a que se refere é, neste caso, a completiva. Apesar de esta afirmação ser, no geral, ajustada, sabemos que é possível utilizar também o pretérito mais-que-perfeito para indicarmos anterioridade.

2.4. Pretérito Imperfeito do Indicativo

O pretérito imperfeito é um tempo verbal que nos dá a informação de passado. No entanto, para além do valor temporal, este tempo verbal tem também diferentes valores aspetuais e modais. As propriedades modais associadas ao pretérito imperfeito não farão parte da nossa análise, uma vez que o que estamos a estudar são os seus valores temporais e aspetuais.

Ora, são vários os tipos de predicados que podem ocorrer com o pretérito imperfeito; veja-se, a título de exemplo, e segundo Oliveira (2013: 518), os predicados estativos que se referem a propriedades estáveis de um indivíduo (12):

(12) Fernando Pessoa era poeta.

Os predicados estativos estáveis podem ainda ser divididos em dois tipos: os predicados do tipo “ser poeta” e os predicados do tipo “ser natural de X”. No caso do primeiro, estes predicados podem ter um fim; no segundo caso, “ser natural de X” é uma característica permanente e inalienável do indivíduo a que se aplica. A autora acrescenta ainda que esta diferença se relaciona com “inferências distintas de valor temporal, quando o verbo está no pretérito imperfeito do indicativo”.

No entanto, se analisarmos frases com estados temporários ou eventos, o pretérito imperfeito não funciona da mesma forma, isto é, necessita de um tempo que lhe sirva de referência, que pode ser dado por um adjunto adverbial ou por uma frase independente com valor temporal. Se o tempo de referência for dado por uma oração subordinada, é muito comum que se inicie por “*quando, enquanto, ao mesmo tempo que*” e tenha o verbo no pretérito perfeito do indicativo ou no imperfeito (Oliveira 2013: 519).

A respeito de características aspetuais, o pretérito imperfeito do indicativo aproxima-se, em certa medida, do presente, nomeadamente pelo facto de serem ambos aspetualmente imperfetivos, o que significa que não conseguimos delimitar as fronteiras das situações que descrevem (Oliveira 2013: 521). É precisamente graças a esta propriedade que surgem diferentes leituras semânticas destes tempos verbais. Uma outra característica que aproxima o pretérito imperfeito do indicativo do presente é que, uma vez combinado com eventos, a leitura disponível é a de habitualidade ou a de repetição de situações, podendo surgir ainda uma leitura de descrição de uma situação como estando a decorrer. Vejamos o exemplo (13):

(13) O Rui escrevia.

A proposição presente em (13) permite-nos atribuir uma característica ao sujeito, sugerindo inclusivamente a inferência de que *O Rui era escritor*. É possível também utilizar o pretérito imperfeito do indicativo em frases genéricas, tal como o presente, pois ambos os tempos permitem representar “características típicas ou essenciais e atemporais das espécies, ou de outros tipos de entidades” (Oliveira 2013: 522). Como exemplo, veja-se a frase da autora:

(14) Os dinossauros eram herbívoros.

3. O Estudo

3.1. *Corpus*

O material utilizado para este estudo foi a obra *Praça de Londres: cinco contos situados*, de Lídia Jorge, que apresenta os seguintes contos: “Praça de Londres”, “Rue du Rhône”, “Branca de Neve”, “Viagem para dois” e “Perfume”.

O livro *Praça de Londres: cinco contos situados* foi publicado no ano de 2008 pela editora Dom Quixote. Relativamente à seleção do *corpus*, todos os contos foram lidos na íntegra e a escolha das ocorrências pretendeu demonstrar exemplos ilustrativos dos usos mais frequentes do pretérito imperfeito. Assim, o *corpus* é composto por vinte e uma passagens retiradas dos cinco contos.

3.2. Metodologia

O *corpus* foi analisado tendo em conta as relações temporais de sobreposição, inclusão e precedência entre os pontos do evento e de referência. Para representar essas relações, foi feito um esquema para cada tipo. Assim, depois de analisado o *corpus*, foram construídos esquemas que agrupassem os exemplos de acordo com as relações temporais que descreviam e em seguida analisados quanto à categoria *Aspetto*, distinguindo-se apenas eventos de estados.

3.3. Análise do *corpus*

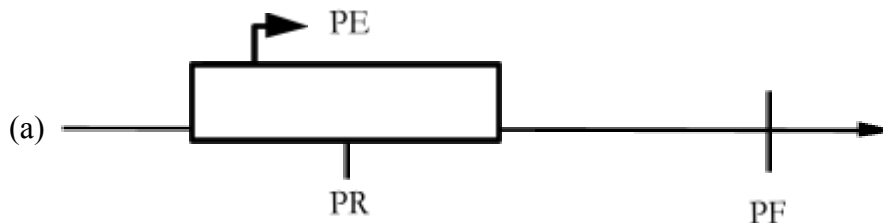
Nesta secção, apresentamos os resultados da análise das relações temporais e das propriedades aspetuais das situações representadas pelo pretérito imperfeito. Nos exemplos a negrito estão as situações representadas pelos pretéritos imperfeitos em análise e os sublinhados destacam os pontos de referência para as situações em questão. Importa

relembrar que o que será apresentado são as ocorrências mais significativas do pretérito imperfeito e não a sua totalidade.

3.3.1. Análise das propriedades temporais

Nesta secção, sistematizamos a análise das propriedades temporais das situações descritas pelo pretérito imperfeito, recorrendo a esquemas representativos das relações temporais entre os intervalos de tempo mais relevantes para a caracterização temporal das situações propostos por Reichenbach (1947), a saber: ponto da fala (PF), ponto do evento (PE) e ponto de referência (PR).

No esquema (a) temos os casos em que o ponto de referência está incluído no ponto do evento e, por isso, os exemplos que lhe correspondem são: 1, 5, 7, 12, 13, 14, 16, 17 e 19 (esta numeração corresponde à do *corpus* em anexo).



Alguns dos exemplos referidos são os seguintes:

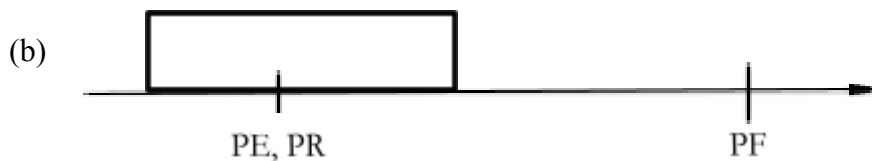
(15) “Quando tive o prazer de o conhecer, já ele era a sombra duma sombra, esticado no solo, como se fosse um tapete de listas e pintas, pronto a ser pisado”. (p.49) (exemplo 13 no anexo)

(16) “E aproximámo-nos do bicho. O rei das almofadas jazia sobre o soalho, imóvel.” (p.57) (exemplo 17 no anexo)

(17) “Parto da ideia de que **tinha cinco anos**, quando ela saiu de casa e a babá chegou”. (p.66) (exemplo 19 no anexo)

Explicando estas relações através dos exemplos dados, verificamos que as situações a negrito já tinham sido iniciadas antes das situações sublinhadas, que se constituem como os seus pontos de referência, e continuaram depois da ocorrência destas, estabelecendo com elas uma relação de inclusão.

Relativamente ao esquema (b), este dá-nos conta das ocorrências em que o ponto de referência e o ponto do evento estão sobrepostos, permitindo-nos atribuir-lhe os seguintes exemplos do *corpus*: 2, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 18 e 20.



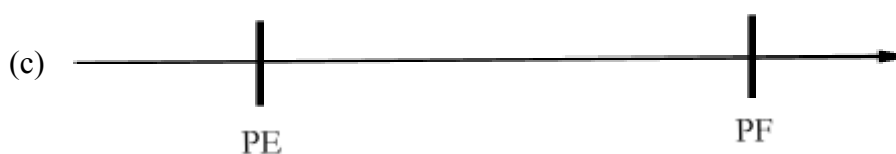
Para ilustrar este esquema, apresentamos os seguintes exemplos:

(18) “O grande macho a rasgar a água como uma faca múltipla, fechada, a afastar-se, a vencer-nos na nossa imobilidade, enquanto hesitávamos”. (p.27) (exemplo 6 no anexo)

(19) “Pois era isso, precisamente, o que Maria da Graça constatava, ao encerrar a última pasta, naquele fim de dia de infatigável trabalho”. (p.31) (exemplo 9 no anexo)

Nos exemplos relativos ao esquema (b), verificamos que em todas as situações a relação entre o PE e PR é de sobreposição e não de inclusão, como no esquema anterior, pois os limites temporais inicial e final do intervalo de menor extensão não estão incluídos no intervalo de maior extensão, podendo o *ti* do primeiro coincidir ou anteceder o *ti* do intervalo maior.

No esquema (c), temos os exemplos que não têm ponto de referência explícito no contexto linguístico adjacente. No entanto, através de mecanismos de interpretação do texto, podemos construí-lo e, por isso, atribuímos-lhe o exemplo 20 (correspondente ao exemplo 21 do anexo).



(20) “Parto da ideia de que tinha cinco anos, quando ela saiu de casa e a babá chegou (...) Além de se ocupar do que me dizia respeito, **a babá ocupava-se da roupa do meu pai, separava-lhe as peças, pendurava-as, escovava-as, ou encaminhava-as para a máquina de lavar. Estendia-as, passava-as. Depois dobrava as camisas, os pulôvers, as meias, e alinhava tudo isso sobre a cama como se fosse uma exposição teatral**”. (pp.66,70) (exemplo 21 no anexo)

Neste exemplo, podemos considerar que todas as situações descritas como habituais se deram após a chegada da babá.

O exemplo 21 (exemplo 3 do anexo) pertence ao esquema (d), uma vez que a sua função é a de enquadramento e, por isso, o ponto de referência coincide com o ponto da fala, precedidos pelo ponto do evento.



- (21) “**Era muito larga a vitrina onde se encontrava a mala de mão.** Não só muito larga e desabitada como demasiado alta.” (p.21)

Foram identificados quatro tipos de esquemas em que podemos inserir os nossos dados: há ocorrências em que o ponto de referência está incluído no ponto do evento; outras em que o ponto de referência está sobreposto ao ponto do evento; situações em que não há ponto de referência, mas em que é possível reconstruí-lo contextualmente; e também situações em que o ponto de referência desempenha uma função de enquadramento.

Estes esquemas permitem-nos perceber alguns valores temporais do pretérito imperfeito tendo em conta os três pontos sugeridos por Reichenbach (1947).

De notar ainda que o ponto de referência surge ao longo dos contos analisados sob diversas formas: por uma oração temporal (22), por uma frase simples (23), por expressões adverbiais (24) e (25), pelo contexto alargado (26) ou pelo ponto da fala (27), quando este é o único elemento que nos permite interpretar temporalmente o PE.

- (22) “Os beijos de um e as gargalhadas do outro a passarem perto, a dois metros de distância, a coisa íntegra e intocável a deslocar-se como se deslocava quando ainda vinha longe do meu corpo e eu já estava parada. Meu Deus.” (pp.11-12) (exemplo 2 no anexo)

- (23) “E aproximámo-nos do bicho. O rei das almofadas jazia sobre o soalho, imóvel.” (p.57) (exemplo 17 no anexo)

- (24) “Naquele instante mesmo, os primeiros acordes dos Concertos de Brandeburgo atravessavam as paredes e vinham ter connosco, ali, onde estávamos. Agora, os seus olhos escuros não se me tiravam de cima. Pareciam presos ao tecido do meu casaco”. (p.56) (exemplo 16 no anexo)

- (25) “E no entanto, de momento para momento, **a situação mudava**”. (p.35) (exemplo 10 no anexo)
- (26) “Parto da ideia de que tinha cinco anos, quando ela saiu de casa e a babá chegou (...) Além de se ocupar do que me dizia respeito, **a babá ocupava-se da roupa do meu pai, separava-lhe as peças, pendurava-as, escovava-as, ou encaminhava-as para a máquina de lavar. Estendia-as, passava-as. Depois dobrava as camisas, os pulôvers, as meias, e alinhava tudo isso sobre a cama como se fosse uma exposição teatral**”. (pp.66, 70) (exemplo 21 no anexo)
- (27) “**Era muito larga a vitrina onde se encontrava a mala de mão**. Não só muito larga e desabitada como demasiado alta.” (p.21) (exemplo 3 no anexo)

3.3.2. Análise aspetual: eventos e estados

Para além da análise temporal realizada tendo em conta as relações de sobreposição, inclusão e precedência, é necessário compreender também alguns dos valores aspetuais associados à comparência do pretérito imperfeito. Neste estudo, fez-se apenas a análise aspetual mediante a divisão entre eventos e estados.

Os nossos dados confirmam o que é referido na literatura quanto à ocorrência do pretérito imperfeito com estados: o pretérito imperfeito, quando combinado com estados, não causa mudanças aspetuais. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (28) “A vida tem destas coisas. Mas o que mais interessa é que a partir das primeiras palavras logo nos apercebemos de que **tínhamos o essencial em comum** (...)”. (p.45) (exemplo 12 no anexo)
- (29) “Quando tive o prazer de o conhecer, **já ele era a sombra duma sombra**, esticado no solo, como se fosse um tapete de listas e pintas, pronto a ser pisado”. (p.49) (exemplo 13 no anexo)
- (30) “E o bicho moveu-se e separou-se do saco. As águas, naquele instante, **estavam** juncadas de folhas que dançavam na superfície lenta”. (pp.26-27) (exemplo 5 no anexo)

Ao contrário do que acontece com os estativos, quando combinado com eventos télicos, o pretérito imperfeito transforma-os em situações atélicas, fazendo com que deixemos de conseguir delimitar as fronteiras da situação. Veja-se:

- (31) “Contou a rapariga, enquanto a minha música atravessava as paredes e vinha ter connosco, a este lado da casa. E Maria Luísa contou mais”. (p.54) (exemplo 15 no anexo)

O pretérito imperfeito transforma ainda eventos em estados habituais, como exemplificado em (32) e (33):

- (32) “Parto da ideia de que tinha cinco anos, quando ela saiu de casa e a babá chegou (...) Além de se ocupar do que me dizia respeito, a babá **ocupava-se** da roupa do meu pai, **separava-lhe** as peças, **pendurava-as**, **escovava-as**, ou **encaminhava-as** para a máquina de lavar. **Estendia-as**, **passava-as**. Depois **dobrava** as camisas, os pulôvers, as meias, e **alinhava** tudo isso sobre a cama como se fosse uma exposição teatral”. (pp.66, 70) (exemplo 21 no anexo)
- (33) “(...) contou dos seus hábitos, dos sinais de entendimento que havia entre ambos, da forma como se alimentava, dos cuidados que ela mesma tinha, de como sofria por causa da Bolsa (...) referiu a forma como contava as horas para regressar a casa (...). **De como lhe tratava da cama, de como lhe mudava as pedrinhas e respectivas marcas que usava** (...)”. (p.52) (exemplo 14 no anexo)

4. Conclusão

O objetivo deste estudo foi o de identificar os valores temporais e aspetuais do pretérito imperfeito do indicativo em contos literários. O *corpus* utilizado foi extraído dos contos da obra *Praça de Londres: cinco contos situados*, de Lídia Jorge. Iniciámos este trabalho revendo propostas teóricas que nos ajudaram a compreender e a aplicar os conceitos de Tempo e Aspeto. De facto, na proposta de Reichenbach (1947), o ponto de referência é um conceito imprescindível para compreendermos a relação que determinadas situações mantêm entre si, permitindo-nos localizar com mais precisão as situações descritas, tal como os conceitos de ponto do evento e ponto da fala. Estes três pontos mantêm entre si relações de sobreposição, de inclusão e de precedência.

No caso das propostas aspetuais, revimos Vendler (1967) e Moens (1987) e Moens e Steedman (1988), optando por fazer apenas a distinção entre estados e eventos e não estudar exhaustivamente os tipos de eventos e as mudanças aspetuais.

Quanto ao tratamento temporal do *corpus*, vimos que podemos analisar os dados com o Pretérito Imperfeito segundo quatro esquemas de relações temporais diferentes: de sobreposição, de inclusão, de precedência entre os pontos de evento e de referência, ainda

que, nestes casos, sempre com precedência do ponto do evento em relação ao ponto da fala. No que concerne à relação entre o ponto de referência e o ponto da fala, há apenas um caso em que a relação não é de precedência, mas sim de sobreposição, uma vez que é a partir do ponto da fala que perspectivamos temporalmente a situação descrita. Além disso, verificámos que o ponto de referência para as situações representadas pelo pretérito imperfeito pode ser dado por uma oração temporal, por uma frase simples, por expressões adverbiais ou até pelo ponto da fala, um elemento extralinguístico. Com esta análise, confirmámos alguns dos valores temporais deste tempo verbal descritos na literatura.

Relativamente ao Aspeto, conseguimos determinar as leituras que surgem quando o pretérito imperfeito do indicativo se combina com estados, dando-nos informação temporal, sem modificar a classe aspetual das situações, e quando se combina com eventos, transformando-os em estados habituais ou transformando eventos télicos em situações atéticas.

Este estudo revelou-se relevante na medida em que nos possibilitou verificar algumas características temporais e aspetuais do pretérito imperfeito em contos literários, contribuindo para a caracterização semântica deste tempo verbal.

Referências

- Coelho, A. S. 2015. Relações Retóricas e Temporais no Texto. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. 2013. Aspeto. In Gramática do Português (Vol. I, 585-622). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Domingos, R. F. A. 2004. Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível na Internet em: <file:///C:/Users/acer1/Desktop/Faculdade/Mestrado/2º%20semestre/Temas%20de%20Semântica%20II/203185.pdf>, acedido em 30.05.2017.
- Moens, M. 1987. Tense, Aspect and Temporal Reference. Tese de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Moens, M.; M. Steedman 1988. Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics* 14: 15-28.
- Oliveira, F. 1986. Algumas considerações acerca do P. Imperfeito. Atas do II Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 78-96.
- Oliveira, F. 1998. Algumas questões semânticas acerca da sequência de tempos em Português. *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, 421-436.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e aspecto. In Gramática da Língua Portuguesa (6ª ed., 127-173). Lisboa, Caminho.
- Oliveira, F. 2013. Tempo verbal. In Gramática do Português (Vol. I, 509-556). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Reichenbach, H. 1947. Elements of symbolic logic (287-297). London, Macmillan.
- Silva, P. 2005. O Tempo no texto. Tese de doutoramento, Universidade Aberta.
- Silvano, M. P. 2010. Temporal and Rhetorical Relations: the Semantics of Sentences with Adverbial Subordination in European Portuguese. Tese de doutoramento, Universidade do Porto.
- Vendler, Z. 1967. Verbs and Times. In Linguistics in Philosophy. Ithaca and London: Cornell University Press.

Anexos

- (1) “**Caminhava** eu ao longo do passeio, vinda do escritório do advogado. (...) Vinha a pensar nos crimes que assim se cometem e nas leis com as suas teias, ovos e aranhas, que os punem. Vinha a pensar nisso tudo, e na forma como o advogado tentava imaginar os meus crimes vistos do lado de lá (...) **vinha** eu concentrada, a olhar para a biqueira dos sapatos, mês de Novembro fora (...) Como ia a dizer, **vinha** eu mergulhada nesse princípio de noite, Praça de Londres adiante, a pensar nos meus eventuais crimes de furto, burlice e danos a outrem, meus gestos manhosos e danosos, vinha a pensar unicamente nisso, quando de súbito levantei os olhos, naquela hora em que a rua estava quase deserta, e eu vi uma coisa.” (p.9)
- (2) “Os beijos de um e as gargalhadas do outro a passarem perto, a dois metros de distância, a coisa íntegra e intocável a deslocar-se como se **deslocava** quando ainda vinha longe do meu corpo e eu já estava parada. Meu Deus.” (pp.11-12)
- (3) “**Era** muito larga a vitrina onde se **encontrava** a mala de mão. Não só muito larga e desabitada como demasiado alta.” (p.21)
- (4) “E nós de novo levantámos a malinha no ar. Abrimo-la. Esventrámo-la do pano de seda vermelha que a enformava, vimos-lhe as algibeiras interiores, os fechos, os lugares para os esconderijos, os cantinhos para os segredos, estudámos os ângulos para a bolsa da maquilhagem, o lugar dos lenços, o volume total do conteúdo, os fechos de apertar, a resistência suave que oferecia ao unir (...) Na realidade, **estávamos** diante do belo sulcado lago Léman, o sereno lago, o doméstico lago sulcado de barcos silenciosos, de sombras tranquilas, o coração dos motores discretos como tiquetaques de relógios de pulso a bordejarem a silhueta dos hotéis de sonho. Isto é, **estávamos** em Genève, Jura nevado, Rue du Rhône” (p.23)
- (5) E o bicho moveu-se e separou-se do saco. As águas, naquele instante, estavam juncadas de folhas que dançavam na superfície lenta”. (pp.26-27)
- (6) “O grande macho a rasgar a água como uma faca múltipla, fechada, a afastar-se, a vencer-nos na nossa imobilidade, enquanto **hesitávamos**”. (p.27)

- (7) “Ele a oferecer-nos a nuca navalhada, em debandada, enquanto **olhávamos** para o cartão de plástico. (...) Mas nós é que não iríamos recuar. **Olhávamo-nos, levantávamo-nos.**” (pp.27-28)
- (8) “O grande macho a rasgar a água como uma faca múltipla, fechada, a afastar-se, a vencer-nos na nossa imobilidade (...) Ele a oferecer-nos a nuca navalhada, em debandada (...) **Estávamos** dispostas a dar tudo. Cem que fossem”. (pp.27-28)
- (9) “Pois era isso, precisamente, o que Maria da Graça **constatava**, ao encerrar a última pasta, naquele fim de dia de infatigável trabalho”. (p.31)
- (10) “E no entanto, de momento para momento, a situação **mudava**”. (p.35)
- (11) “Virou-se, informou-os - «Eu vou atravessar o Campo Grande. E vocês? »Os miúdos não diziam nada. Só a seguiam, muito pouco enroupados, as mãos debaixo dos sovacos, os cotovelos rente ao corpo. O da frente, a rir desabridamente. Parando todos quando ela parava, caminhando quando ela caminhava. Os táxis **passavam** ao centro da avenida, longínquos, os sinais desligados, a recolherem para qualquer lugar como animais antigos para o amalho”. (p.38)
- (12) “A vida tem destas coisas. Mas o que mais interessa é que a partir das primeiras palavras logo nos apercebemos de que **tínhamos** o essencial em comum (...)”. (p.45)
- (13) “Quando tive o prazer de o conhecer, já ele **era** a sombra duma sombra, esticado no solo, como se fosse um tapete de listas e pintas, pronto a ser pisado”. (p.49)
- (14) “(...) contou dos seus hábitos, dos sinais de entendimento que **havia** entre ambos, da forma como se **alimentava**, dos cuidados que ela mesma **tinha**, de como **sofria** por causa da Bolsa (...) referiu a forma como **contava** as horas para regressar a casa (...). De como lhe **tratava** da cama, de como lhe **mudava** as pedrinhas e respectivas marcas que **usava** (...)”. (p.52)
- (15) “Contou a rapariga, enquanto a minha música **atravessava** as paredes e vinha ter connosco, a este lado da casa. E Maria Luísa contou mais.”. (p.54)
- (16) “Naquele instante mesmo, os primeiros acordes dos Concertos de Brandeburgo **atravessavam** as paredes e vinham ter connosco, ali, onde **estávamos**. Agora, os seus olhos escuros não se me **tiravam** de cima. **Pareciam** presos ao tecido do meu casaco”. (p.56)
- (17) “E aproximámo-nos do bicho. O rei das almofadas **jazia** sobre o soalho, imóvel.” (p.57)
- (18) “E assim passou um dia inteiro. Mas eu só tive a certeza de que **estávamos** sozinhos, quando os supostos bêbados partiram e o meu pai me estendeu os braços com os quais pegava na guitarra (...)”. (p.66)
- (19) “Parto da ideia de que **tinha** cinco anos, quando ela saiu de casa e a babá chegou”. (p.66)
- (20) “Mas aquela de quem falo, aquela que partira, essa, pelo contrário, era magra, tinha o cabelo liso dando-lhe pela cintura (...) Lembro-me da forma como me **carregava** na sua

anca alta, balouçando-me sobre o seu osso. Lembro-me de como me **dava** banho, lembro-me de como me **beijava**. (...) **Dava**-me beijos longos, pelas mãos e pela face”. (p.67)

- (21) “Parto da ideia de que **tinha** cinco anos, quando ela saiu de casa e a babá chegou (...) Além de se ocupar do que me dizia respeito, a babá **ocupava**-se da roupa do meu pai, **separava**-lhe as peças, **pendurava**-as, **escovava**-as, ou **encaminhava**-as para a máquina de lavar. **Estendia**-as, **passava**-as. Depois **dobrava** as camisas, os pulôvers, as meias, e **alinhava** tudo isso sobre a cama como se fosse uma exposição teatral”. (pp.66, 70)